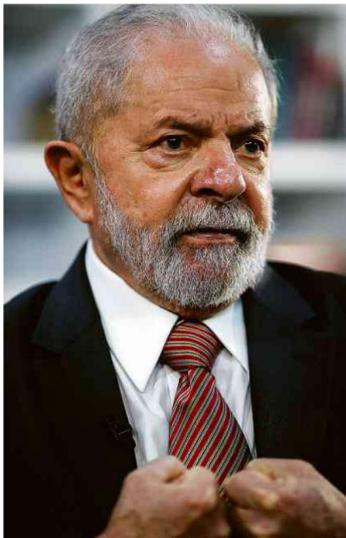


mercado



O presidente Jair Bolsonaro (PL), durante evento no Palácio do Planalto, e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em entrevista em São Paulo



O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em entrevista em São Paulo

Empresários e banqueiros já não veem espaço para 3ª via

Cenários do pós-eleição são avaliados com Lula ou Bolsonaro na Presidência

Julio Wiziack

BRASÍLIA. Banqueiros, gestores e empresários veem cada vez mais como pequena a possibilidade de existir uma terceira via para as próximas eleições. Desde as prévias do PSDB, o comando das principais instituições financeiras e empresariais do país jogou a toalha e agora aposta em uma polarização entre Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Sob a condição de anonimato, a Folha ouviu três banqueiros, dois gestores de fundos de investimentos e representantes setoriais da indústria, do agronegócio e do comércio. Com algumas nuances, todos são unânimes ao prever um segundo turno das eleições de 2022 entre Lula e Bolsonaro. Para eles, a viabilidade de um candidato "do meio" está cada vez mais distante.

Dois fatores corroboram essa avaliação. No fim de setembro, os principais banqueiros do país ainda apostavam numa terceira via com o lançamento do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), como presidenciável.

No entanto, a confusão das prévias tucanas no fim de novembro afastou ainda mais essa expectativa de sucesso da chamada terceira via. Na disputa, marcada por problemas no aplicativo desenvolvido para a votação, o governador de São Paulo, João Doria, venceu Leite por 54% a 45% dos votos.

O presidente de um dos bancos de investimento mais importantes do país afirmou que causou uma péssima impressão no mercado a mudança de tom dos tucanos, que trocaram acusações em público — o que denotou falta de coesão partidária — e a falta de unidade na construção de um nome forte para fazer frente a Bolsonaro e Lula.

Outro episódio que arrefeceu o ânimo desse grupo de banqueiros foi o anúncio precoce de Sergio Moro para o pleito pelo Podemos.

Eles creem que o ex-ministro de Bolsonaro tenha se precipitado em lançar-se como presidenciável e que sua estratégia com esse movimento, na verdade, mira uma vaga no Senado.

Para eles, Moro, que começou nas pesquisas de intenção

de voto com cerca de 4%, tem um teto, que deverá ficar restrito a 10% e desistirá da Presidência para concorrer como senador.

O problema, ainda na avaliação desses executivos, será o senador Álvaro Dias, que também pleiteia a reeleição na única vaga do Paraná que se abrirá nas eleições. Se Moro persistir como presidenciável, apostam numa pulverização do eleitorado, algo que fortalece ainda mais a polarização no segundo turno.

Apesar do descrédito, o comando das principais instituições financeiras do país ainda aguarda a virada do ano e a movimentação em partidos, considerando possíveis fusões partidárias e a construção de novas chapas com a possibilidade de surgimento de uma alternativa. Mesmo assim, dão esse cenário como algo remoto.

Frísam que, neste momento, o quadro aponta para uma decisão entre Lula e Bolsonaro, com o petista mais forte em termos de apoio, diante de uma avaliação de que ele estaria mais apto para construir um time no Ministério da Economia capaz de consertar os estragos que Bolsonaro realizou ao desacerdar seu ministro da Economia, Paulo Guedes.

Para eles, ao longo de três anos, Guedes apresentou boas promessas de cunho liberalista, mas Bolsonaro impediu que essas entregas fossem realizadas com uma agenda política marcada pelo populismo de olho na campanha pela reeleição.

Os banqueiros também veem em Lula mais populista na sua volta ao cenário político, mas consideram que os ganhos financeiros futuros para o país e para os negócios serão maiores com o petista do que com Bolsonaro.

Fazem essa análise com base na deterioração atual nas contas públicas com a aprovação pelo Congresso da proposta de emenda à Constituição dos precatórios (PEC do Galote) e o aumento do valor do socorro aos mais pobres a ser garantido pelo Auxílio Brasil, uma reinvenção do Bolsa Família.

Para esses executivos, o mercado financeiro considera que essas medidas chance-

Os candidatos no Datafolha

Situação A

48%

Lula

22%

Bolsonaro

9%

Sergio Moro

7%

Ciro Gomes

4%

João Doria

4%

Simone Tebet

3%

Rodrigo Pacheco

1%

Simone Tebet

1%

Rodrigo Pacheco

Balança comercial tem superávit recorde de US\$ 61 bilhões em 2021

BRASÍLIA | REUTERS. A balança comercial brasileira encerrou 2021 com superávit de US\$ 61,008 bilhões, informou o Ministério da Economia nesta segunda-feira (3). Em dezembro, o saldo comercial ficou positivo em US\$ 3,948 bilhões, melhor que as projeções de mercado. Pesquisa da Reuters com economistas apontava expectativa de saldo negativo de US\$ 1,2 bilhão.

O saldo comercial de 2021 foi o melhor da série histórica, iniciada em 1989, embora tenha vindo abaixo do valor projetado pelo governo. A expectativa mais recente da pasta, divulgada em outubro, indicava superávit comercial de US\$ 70,9 bilhões no ano. Ainda assim, o resultado do ano passado foi 21,1% melhor do que o observado em 2020, quando o superávit ficou em US\$ 50,393 bilhões.

Em ano marcado por forte recuperação da atividade mundial após arrefecimento da pandemia de Covid-19 e aumento de preços das commodities, as exportações brasileiras também registraram recorde, totalizando US\$ 280,4 bilhões, melhor resultado da série histórica e 34% acima de 2020.

As importações somaram US\$ 219,386 bilhões, alta de 38,2% em comparação com o ano anterior. Como resultado, a corrente de comércio — soma das exportações e importações — atingiu US\$ 499,8 bilhões, também recorde e 35,8% acima do ano anterior.

Nas vendas ao exterior, o dado foi impulsionado por um crescimento médio de 28,3% nos preços e 3,5% nas quantidades comercializadas. As exportações foram impulsionadas por saltos de 62,4% no valor das vendas da indústria extrativa, 26,3% da indústria de transformação e 22,2% da agropecuária.

Em 2022, o Ministério da Economia espera saldo positivo de US\$ 79,4 bilhões.

O secretário de Comércio Exterior do ministério, Lucas Ferraz, disse que as estimativas ainda têm alto grau de incerteza devido aos riscos associados a eventual nova onda de Covid-19. Os preços das commodities ficaram um pouco mais baixos em 2022 em relação a 2021, mas a

safrinha de grãos será recorde (de 291,1 milhões de toneladas) e a economia verá recuperação de serviços e mercado de trabalho, afirmou o secretário, ressaltando que as projeções do Ministério da Economia para a balança comercial em 2022 se referem a um cenário-base que não leva em consideração risco de nova onda de Covid-19.

De acordo com os dados da pasta, haverá aumento de 1,4% nas exportações neste ano em relação a 2021, para US\$ 284,3 bilhões, enquanto as importações devem cair 6,6%, a US\$ 204,9 bilhões.

O saldo comercial previsto para o ano, de US\$ 79,4 bilhões, representaria uma alta de 30,1% em relação a 2021.

Segundo Ferraz, os preços das commodities devem ficar em patamar um pouco mais baixo em 2022, mas a safra de grãos será recorde, de 291,1 milhões de toneladas. Para ele, haverá uma recuperação do setor de serviços e do mercado de trabalho. "Após forte recuperação em 2021, a economia global volta gradualmente à normalidade e esperamos taxas de crescimento mais próximas de níveis pré-pandemia."

No recorte por destino, a China representou 32% da participação nas exportações brasileiras, crescimento de 28% nas médias diárias do ano. Com uma alta de 44,9%, as vendas aos Estados Unidos representaram 11,1% do total exportado no ano. Houve ainda crescimento de 50% nas vendas para a América do Sul (12,1% de participação) e de 29,4% para a Europa (17,2% de participação).

O secretário de Comércio Exterior disse que houve discrepância nas projeções do governo para o dado de 2021 por causa de uma surpresa pelo lado das importações, que encerraram o ano com volume 4,4% acima do esperado. Por isso, segundo ele, houve diferença mais expressiva entre a previsão e o dado final para a balança do ano.

Só em dezembro as importações somaram US\$ 20,4 bilhões, alta de 24,4% sobre o mesmo mês de 2022, enquanto as exportações totalizaram US\$ 24,4 bilhões, 26,3% acima do observado na mesma base de comparação.

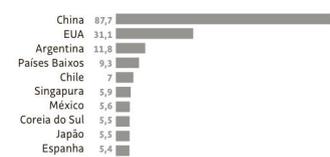
Superávit da balança comercial bate recorde em 2021

Em US\$ bilhões



Os países para os quais o Brasil mais exportou em 2021

Em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia